

PERCEPÇÕES FOTOGRÁFICAS DE HILDEGARD ROSENTHAL DAS(OS) TRABALHADORAS(ES) DA URBE PAULISTANA (1940)¹

MARIA CLARA LYSAKOWSKI HALLAL¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – clarahallal@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da construção de minha tese, no programa de Pós-Graduação em História da UFPEL, em que trabalho com questões envolvendo os processos migratórios, de gênero e fotografias. O processo de migrar, geralmente, é permeado por deslocamentos, sensações de desterro e atos de transculturação. Dessa forma, estudar o trabalho de uma fotógrafa migrante é, também, entender o espaço geográfico, temporal e as relações dessa profissional, seja com a(o) retratada(o) ou o ambiente de trabalho. Esse é o princípio balizador deste trabalho, o registro visual de uma fotógrafa imigrante – Hildegard Rosenthal – sobre os personagens da urbe paulistana, em especial das(os) trabalhadoras(es).

Os primeiros passos historiográficos a respeito da fotógrafa foram dados por Mariana Guardani (2011) que estudou três fotógrafas(os) estrangeiras(os) (Werner Haberkorn, Hildegard Rosenthal e Alice Brill e buscou compreender como as preferências das(os) profissionais contribuíram no seu modo de fotografar. Depois, elenco a autora Yara Dines (2017) que, ao longo de sua trajetória acadêmica, sob a ótica da antropologia visual, estudou algumas fotógrafas estrangeiras. Os seus escritos esboçam algumas questões de gênero e imigração, ainda que incipientes.

As pesquisadoras Maria Theresa Gomes Soares, Márcia Feitosa e José Ferreira Junior (2018) entendem que é necessário ver os trabalhos fotográficos de mulheres das primeiras décadas do século XX, assim como das profissionais contemporâneas, sob uma ótica feminina, pois essas artistas tiveram que romper com estruturas patriarcais para poderem trabalhar. Para isso, é necessário analisar as relações de gênero de quem produziu as imagens.

Em relação ao gênero, para Judith Butler (1990), os sentidos construídos sobre os gêneros feminino e masculino devem ser analisados em forma de perguntas e não em categorias fixas. Desse modo, a autora entende que o sexo é discursivamente construído e que “torna-se impossível separar ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que é produzido e sustentado”² (BUTLER, 1990, p.134).

Dessa forma, além de analisar as fotografias de Hildegard Rosenthal sob a sua concepção do que é ser mulher (no caso de fotografias de personagens femininos), estabeleci que as subjetividades, as relações com outras pessoas e o diálogo – seja explícito, seja subentendido – com suas e seus fotografadas e fotografados são importantes.

Para compreender o processo fotográfico, é necessário delinear o ato de fotografar, isto é, tomar posse de um momento vivido, fazer um recorte do tempo, do espaço e do lugar, o que possibilita inúmeras narrativas e diferentes sentidos para a imagem. Nessa direção, merece atenção o trabalho de André Rouillé, que explicita:

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² No original: it becomes impossible to separate “gender” from the political and cultural intersections in which it is produced and sustained” (tradução minha).



“A imagem fotográfica não é um corte nem uma captura nem o registro direto, automático e analógico de um real preexistente” (ROUILLÉ, 2009, p.77).

Por conseguinte, as autoras(es) que apresentei fornecem elementos para compreender o processo de migrar de Hildegard Rosenthal, além de possibilidades de discussões sobre as relações de gênero e fotografias. Logo, diante da pesquisa no acervo das fotografias da profissional, das leituras acerca do tema, busco responder o seguinte questionamento: Como Hildegard Rosenthal visualizou as(os) trabalhadoras(es) da urbe paulistana na década de 1940?. Para elucidar tal questionamento, o objetivo deste trabalho é assinalar como Hildegard Rosenthal retratou as(os) trabalhadoras(es) de São Paulo da década de 1940, incluindo mulheres, homens e crianças.

2. METODOLOGIA

Para trabalhar com as fontes propostas, que são fotografias de trabalhadoras(es) da urbe paulistana, incluindo mulheres, crianças e homens, apresento a metodologia utilizada. Esclareço que construí o método com base em alguns trabalhos já existentes³, mas adaptando-os aos objetivos e fontes deste trabalho. Logo, ao buscar as imagens de Hildegard Rosenthal no Instituto Moreira Salles (no banco de dados online e, posteriormente, presencialmente), obtive mais de 3000 fotografias. O universo imagético da fotógrafa é extenso, mas, no primeiro momento, selecionei a amostragem envolvendo mulheres, crianças, homens, autorretratos da fotógrafa e paisagem urbana. Para o momento, selecionei as fotografias que tratam do tema trabalhadoras(es) urbanas(os) e fiquei com uma amostragem de dez imagens.

Para a análise dessas fontes, dividi em dois momentos: Processos técnicos fotográficos (luminosidade, planos, ações e ângulos) e processos interpretativos fotográficos (referências bibliográficas – teoria e contexto de produção). Saliento que a análise não se dá de forma estanque, em muitos momentos, elementos da primeira observação se unem com o da segunda. Também ressalto que optei por analisar as dez fotografias individualmente, para poder confrontar e discutir os resultados de forma mais precisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já explicitado, este trabalho é parte da minha tese, e a mesma já passou pelo processo de qualificação e estou avançando na análise das fontes e escrita do texto. A partir do objetivo para o momento, que é assinalar como as(os) trabalhadoras(es) de São Paulo da década de 1940 foram retratadas(os) por Hildegard Rosenthal, incluindo mulheres, homens e crianças, apresento alguns resultados.

Os olhares de Hildegard Rosenthal para os trabalhadores, homens, mulheres e crianças são diversos. No âmbito masculino, a profissional fotografou vendedores de leite - profissão que começou a ser extinta em 1940 –, homens utilizando carroças como banca de frutas, cobradores de ônibus, lavadores de carros, manutenção de postes, pipoqueiros e operários na construção de edifícios.

³ As questões técnicas fotográficas podem ser encontradas nas obras: “Olhar!”, Joel Meyerowitz (2019) e “Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX”, Ana Maria Mauad (2005).

Já no âmbito feminino, as mulheres foram registradas nas feiras, no exercício de lavadeiras e em locais que exerciam a profissão de costureira – como no educandário do serviço social de proteção aos menores, posteriormente, FEBEM e, atualmente, Fundação Casa. Em relação às fotografias dos jovens trabalhadores – eram crianças do sexo masculino que ocupavam as ruas da urbe paulistana sob a forma de pequenos jornaleiros, engraxates e carregadores de feira.

A partir da análise das dez fotografias explicitadas, compreendo que Hildegard Rosenthal produziu uma crônica visual narrativa sobre um período marcante da história do país – ocorriam transformações no espaço da urbe, nas questões trabalhistas e a posição da mulher no mercado de trabalho. Ao investigar as imagens, é necessário levar em consideração a cidadã/fotógrafa imigrante, o olhar estrangeiro e a mulher por trás daqueles registros.

Essas questões (imigração e gênero) atravessam este trabalho, mas não o definem. Isto é, acredito que não existe um olhar feminino sob aquelas/aqueles trabalhadoras(es), mas, sim, que ser uma fotógrafa estrangeira em um ambiente em que as mulheres ainda estavam conquistando direitos básicos – como trabalhar fora do âmbito doméstico – é um fator importante e transversal no trabalho.

Assim, percebo que Hildegard Rosenthal está reivindicando um lugar, o de fotógrafa das urbes – função mais reservada aos homens da década de 1940 no Brasil. E, ao retratar as(os) trabalhadoras(es) da urbe paulistana, a fotógrafa busca apreender o funcionamento daquela cidade, dos seus habitantes, e, além disso, valorizar, em muitos casos, profissões pouco apreciadas (ou extintas), caso do vendedor de leite ou mulheres costureiras, visto que ocupavam o espaço interno dos edifícios, e não eram vistas por grande parte dos(as) habitantes da cidade.

Ainda, noto que aos homens, o trabalho da rua era receptivo, como vendedores de frutas ou cobradores de ônibus. E as crianças também se inserem nesse grupo, ressaltando que nos registros de Hildegard Rosenthal, só há fotografias de meninos/jovens, e ocupando profissões como pequenos engraxates ou carregadores de feiras. Já as mulheres, estavam em profissões menos regulares, isto é, que exigiam menos dedicação ou horário flexível, situação justificada pela divisão irregular das atividades domésticas. Logo, a fotógrafa registrou trabalhadoras em feiras livres ou como costureiras.

4. CONCLUSÕES

Como estudante de Doutorado e pesquisadora das relações de imigração e gênero, compreendo que este trabalho auxilia a entender o comportamento social de uma cidade brasileira nos anos 1940. A partir das fotografias que Hildegard Rosenthal fez das(os) trabalhadoras(es), podemos ter a percepção que mais do registro, a fotógrafa realizou, a partir do seu olhar sobre o Brasil, uma crônica visual da cidade de São Paulo.

Essa crônica é resultado dos seus processos migratórios, mas, também, das modificações que ocorreram em São Paulo e no Brasil no período. Além disso, este trabalho ajuda a pensarmos os processos migratórios para o Brasil das primeiras décadas do século XX, especialmente no que tange às fotografias migrantes – como era o cenário, as perspectivas de trabalho e as relações com as(os) fotografadas(os). Mas, também, nos ajuda a entendermos o Brasil atual, cuja formação histórica não pode ser explicada sem a presença da imigração, componente basilar da própria constituição da nacionalidade.

O assunto migração é um tema sempre contemporâneo, sendo uma das pautas de destaque em países da União Europeia, Estados Unidos e até mesmo no Brasil. Por isso, ao estudarmos os processos migratórios das primeiras décadas do século XX, podemos fazer relações com a migração atual, ainda que, sejam diferentes, os motivos, as permanências, as relações entre os migrantes, os locais para qual migram, e os espaços críticos do papel feminino nesse cenário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. The Force of Fantasy: Mapplethorpe, Feminism, and Discursive Excess. **Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies**, vol. 2 (2), 1990, pp. 105-125.

DINES, Yara Schreiber. Hildegard Baum e Alice Brill, formação e despertar da sensibilidade entre vanguardas e sombras. **Labrys, études féministes/ estudos feministas**. Jan/Junho 2016. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004> Acesso: 10/10/2018

GUARDANI, Mariana. Fotógrafos estrangeiros na cidade: Werner Haberkorn, Hildegard Rosenthal e Alice Brill. In: LANNA, Anna Lucia et al. **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SOARES, Maria Thereza Gomes de Figueiredo; FEITOSA, Márcia Manir Miguel; FERREIRA JUNIOR, José. Um olhar sobre a fotografia feminista brasileira contemporânea. **Rev. Estud. Fem. [online]**, vol.26, n.3, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n346645>. Acesso: 08/10/2020